



Pastoral da Mulher  
Na batalha pela justiça social

# Grito Mulher

Jornal da Pastoral da Mulher de Belo Horizonte - MG - Ano XXII - Edição nº 126

## TRÁFICO DE SERES HUMANOS UMA LUTA DE TODOS



Lutar contra o tráfico a partir de uma perspectiva de direitos humanos, impedindo que a proteção das vítimas fique subordinada ao dismantelamento de redes e ao controle de migração é necessário para a implementação de estratégias de combate ao Tráfico de Seres Humanos. E a Pastoral da Mulher de Belo Horizonte está nessa luta junto com toda Rede Oblata. Faça parte também!



# O combate ao Tráfico de Seres Humanos: **UMA PRIORIDADE PARA NOSSA SOCIEDADE**



Por José M. L. Uriol  
Coordenador da Pastoral da Mulher de BH

O tráfico de seres humanos para exploração sexual é uma das principais violações de direitos humanos e um dos mais duros rostos da violência de gênero.

O mais importante dos instrumentos internacionais para o enfrentamento ao tráfico de pessoas foi celebrado em 25 de novembro de 2000 e é conhecido como Protocolo de Palermo<sup>1</sup>. O Brasil aderiu a esse Protocolo em 2004. Seu artigo 3º estabelece a seguinte definição de Tráfico: *“Tráfico de seres humanos significa o recrutamento, transporte, transferência, acolhimento e alojamento de pessoas por meio de ameaças, uso da força ou outras formas de coação, sequestro, fraude, engano ou abuso de poder ou de uma posição de vulnerabilidade, ou dar ou receber pagamentos ou benefícios para conseguir o consentimento de uma pessoa que tenha controle sobre outra, com o propósito de exploração. Isso inclui, no mínimo, a exploração da prostituição de terceiros ou outras formas de exploração sexual, trabalho ou serviços forçados, escravidão ou práticas similares à escravidão, servidão ou a remoção de órgãos”*.

Várias são as causas. A grande maioria das mulheres traficadas vivem em situação de pobre-



Imagem Ilustrativa

za, sofreram abusos ou vivem em áreas que tiveram conflitos armados. A maioria, e também pelas razões acima expostas, teve acesso limitado à educação formal. As expectativas de encontrar um trabalho digno, de ajudar à família, de fugir da pobreza e do conflito, e de ter maior independência e oportunidades de desenvolvimento pessoal são alguns dos fatores que empurram ou predispõem às mulheres a deixar seu país de origem.

É importante destacar também a dimensão de gênero no estudo deste fenômeno considerando a evidente feminização da pobreza e a dimensão cultural do patriarcado vigente, na base da qual, a violência contra as mulheres é admitida e até legitimada.

## **Desculpabilizar a vítima**

O tráfico de pessoas se situa hoje no contexto dos movimentos migratórios. O atual sistema capitalista mundial aprofunda as divisões entre países ricos e pobres, e as desigualdades dentro dos estados nacionais. O problema das mulheres traficadas deve ser colocado em relação também com os problemas globais colocados pelas migrações e a tendência para fechar as fronteiras da Europa e América do Norte através de legislações restritivas desse fenômeno humano. Nem todas as migrantes são traficadas e nem todas são destinadas à prostituição. Um nexos exagerado dessas situações pode servir de desculpa para restringir a migração. E o aumento do controle de migração incentiva o aumento do tráfico.

A construção de um perfil de vítimas de tráfico de pessoas para fins de exploração sexual ainda

segue sendo um desafio. É preciso realizar estudos com dados mais atualizados e aprimorar os métodos de pesquisa para evitar absurdas simplificações que criam falsos "imaginários"<sup>2</sup> de "mulheres traficadas" os quais fornecem uma base para a discriminação sexual nos mais variados aspectos.

A preocupação com as vítimas de tráfico é legítimo e necessário. No entanto, uma ênfase excessiva na vítima pode nos fazer esquecer o que deveria ser uma preocupação fundamental da justiça: a investigação e punição dos promotores e gestores do crime, neste caso, os traficantes.

Neste sentido o texto do Protocolo de Palermo coloca mais atenção nas vítimas do que nos autores, e mais ênfase nas atividades migratórias de controle que na investigação e punição do crime de tráfico.

Há uma tendência nas legislações recentes sobre este tema dos distintos países, (também no Brasil) a priorizar programas de capacitação para as mulheres vítimas do tráfico humano. A mensagem que sutilmente transmitem é que as pessoas traficadas são, em parte, culpadas de ignorância ou falta de capacitação. O entendimento gira em torno de uma espécie de "co-culpabilidade" da vítima pelo exercício da prostituição ou pela situação de exploração sexual.

### **Acabar com a impunidade**

A escala nacional e internacional, o eixo deve estar na investigação, julgamento e punição dos promotores e executores desses crimes. A passividade e a cumplicidade das autoridades com muitos grupos que operam em redes de tráfico, nos levam a suspeitar da cumplicidade dos governos.

E junto a essa perseguição das redes criminosas, é fundamental erradicar as causas que

No Brasil este tipo de delito (Tráfico de Seres Humanos) ainda permanece parcialmente invisível e

# impune.

empurram às mulheres a arriscar e aceitar esse tipo de convites. Não basta apenas criar um programa de enfrentamento ao tráfico de pessoas e continuar deixando a vítima em condições vulneráveis.

No Brasil este delito ainda permanece parcialmente invisível e impune. As leis punem mais severamente o tráfico de drogas que os casos de tráfico de seres humanos. A venda de drogas, por exemplo, tem penas de prisão de entre 5 e 15 anos, em regime fechado, enquanto o tráfico para exploração sexual é punível com um máximo de oito anos no regime semiaberto.

É difícil conhecer o alcance real das vítimas enviadas ao exterior por gangues do tráfico, mas o que torna mais complicado combater o tráfico de seres humanos no Brasil é o fato de que ele apenas é crime quando há exploração sexual ou trabalho escravo. Apenas através de denúncias pode ser iniciada uma investigação. Além disso, no tráfico internacional, geralmente as pessoas vão para o lugar da sua exploração de forma voluntária, e a maioria não sabe que vai ter seu passaporte retido.

### **Necessidade de implementar estratégias de combate ao Tráfico de Seres Humanos**

Hoje, para terminar com a sensação de impunidade que têm os autores deste tipo de crimes, é preciso:

Lutar contra o tráfico a partir de uma perspectiva de direitos humanos, impedindo que a proteção das vítimas fique subordinada ao desmantelamento de redes e ao controle de migração.

Sensibilizar e aumentar o conhecimento público sobre o problema do tráfico de pessoas. Maior divulgação e transparência na revelação de dados

Promover a criação de unidades especializadas da polícia para combater o tráfico de seres humanos, criando equipes de investigação conjuntas, pelas polícias de diferentes países.

Os instrumentos mais adequados para combater o tráfico são as medidas de congelamento dos ativos de suas máfias, para atacar seu lado econômico.

Acabar com a corrupção, interna e internacional (da polícia e de diferentes órgãos públicos) que facilita o tráfico humano.

Uma estratégia internacional entre os governos dos Estados que são países de origem, rota e destino das pessoas traficadas. Apenas a forte cooperação internacional e a sensibilização social poderiam ser capazes de prevenir o tráfico de seres humanos.

1- Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional Relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em Especial Mulheres e Crianças

2 - Thaddeus Gregory Blanchette e Ana Paula da Silva, *O mito de Maria, uma traficada exemplar: confrontando leituras mitológicas do tráfico com as experiências de migrantes brasileiros, trabalhadores do sexo*, em <http://www.csem.org.br/remhu/index.php/remhu/article/view/278/253>. Acesso 15 junho-2013

ENTREVISTA

# VÍTIMAS DO TRÁFICO

DE SERES HUMANOS



Imagem Ilustrativa

**A**companhadas pela Pastoral, algumas mulheres escondem seus rostos, suas identidades, com receio de perseguições ou represálias. V. M., foi aliciada para a prostituição na Europa com a promessa de conforto e altos ganhos, mas logo descobriu que isso também tinha um alto preço. Lá, permaneceu por 12 anos e vivenciou o funcionamento das Redes de Tráfico de Pessoas. Em entrevista ela relata de como foi atraída e de como foi a experiência de ter sido traficada do seu país.

## Como foi levada para o exterior?

Eu vim de uma família adotiva. Eu fui para o colégio interno com quatro anos, sai com treze. Me casei com dezesseis; com dezoito me separei e aí fui pra vida.

A ideia de sair para o exterior veio de uma senhora, a gente chama vulgarmente de “metrés” (“maitresse”). Ela ia nas casas e falava de roupa, de sapato, de jóia, de dinheiro, de boa vida, de viagem. E a gente viajava naquela ideia e ia. Eu me lembro que era um porto assim... esquisito, cheio de mulher. Tava chovendo. Num dia frio. E lá fui eu. O passaporte ela conseguiu pra mim. Pessoas que trabalham dentro dessas estruturas facilitam. Não adianta enganar.

Chegando lá, a coisa não era bem assim. O custo financeiro era muito alto. Você às vezes pagava por um vestido, por exemplo, um ano. Um sapato a mesma coisa. Uma jóia, nem se fala. Sem contar que o passaporte ficava preso com

aquele que financiava a viagem. Porque a “metrés” só era o ponto de contato. Então a gente ficava trabalhando, às vezes, três anos quatro anos pagando eternamente: passagem, roupa, sapato, maquiagem, perfume, etc.

## E qual foi a realidade que encontrou no seu retorno?

É mais difícil viver aqui (Brasil). Porque aqui, a nossa sociedade é ainda um pouco hipócrita. Se a menina veste bem, se ela calça bem, se ela tem carro, se ela tem uma bela figura, ela fala bem, ela é aceita e engolida. Já lá fora não, eles acei-

tam como você é. É mais fácil lidar com isso. Eu sempre preferi trabalhar fora do Brasil.

## Onde acontece o aliciamento de garotas para o tráfico com fins de exploração sexual?

Em bares, shopping, casas noturnas – bem frequentadas! Pelas ruas – abordagem de rua, porta de banco... Tem muito meio bacana de tirar mulher de cabeça e levar ela embora.

## Porque algumas mulheres continuam arriscando aceitando esses convites para ir ao exterior?

Vou falar como brasileira, que já tive lá e sei. As mulheres vão para fora do país por ambição, vontade de melhorar, sonhos, sonhos, sonhos lindos de cinderela. Só que quando chega lá é cinderela e caçador. Que a história conta que cinderela foi caçada pelo caçador a mando da bruxa. Então elas sonham muito. Mas elas sonham acordadas! Brasileira tem essa mania de sonhar acordada! E vem uma amiga de lá, ela não conta as desgraças que ela passou, só conta as maravilhas. Ela tem vergonha de falar. Resumindo: dinheiro. E as famílias aqui são tão... Digamos assim: egoístas que fazem de conta que não sabem que aquela moça saiu com um par de sapatos e volta com uma tonelada de sapatos, casacos de pele, dinheiro. Não quer nem perguntar. Pra quê? Tá entrando dinheiro.

## Que se pode fazer para melhorar a vida destas mulheres?

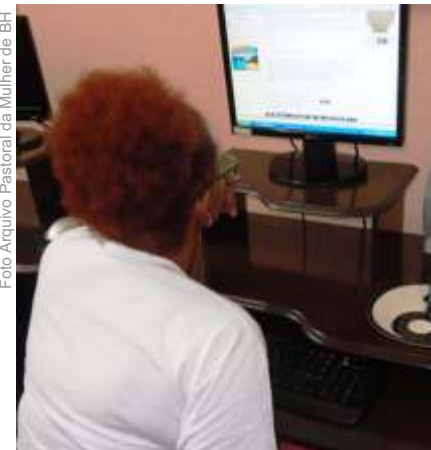


Foto Arquivo Pastoral da Mulher de BH

“

... eles batiam nelas com toalha molhada para não deixar marcas. Mulheres já foram mortas na minha presença.

Vi muita coisa.

(V.M.) ”

Foto Arquivo Pastoral da Mulher de BH

Dignidade, a mulher no mundo precisa muito de dignidade, amor próprio, sinceridade consigo mesma e não ter tantos sonhos. Os sonhos nos levam a essa vida porque favorecem muito a ideia desse dinheiro rápido, entra hoje, amanhã não volta. Acabou o açúcar? o aluguel está vencendo? Deixa voltar lá...e por aí vai.

Mas é perigoso, porque depois que entra, pra sair não é fácil. O caminho de entrada é uma porta. O de saída é fechado.

**Como avalia pessoalmente essa experiência?**

Pelo lado afetivo, valeu muito. Pelo lado psicológico ficou meio complicado porque eu bebia muito. Nunca fiz um programa com um homem sem beber, eu tinha que beber, mas nunca usei drogas. Até hoje eu ainda bebo. É o encorajamento, né? É a coragem que você vai buscar naquela situação que você não tem condição nem capacidade de fazer sóbria.

**E não teve conflitos internos?**

Conflitos sempre tem, mas eu lembrava sempre dos ensinamentos: dignidade... Me posicionar bem perante as pessoas, mesmo sabendo que é um ambiente podre. Mesmo dentro de um ambiente podre você pode ser uma maçã sã. Conflito era entre eu e eu mesma. Sempre carreguei conflitos enormes, até hoje ainda tenho. Mas você tem que conciliar. Se você for viver de conflito você não faz nada. E como é que ficava em casa a família?

**Que vivências daquele tempo deixaram marca em você?**

A violência. Muitas mulheres, às vezes com temperamentos... Digamos assim... exaltados, apanhavam. E como elas trabalhavam com o corpo, eles batiam nelas com toalha molhada para não deixar marcas. Mulheres já foram mortas na minha presença, jogadas de navios... vi muita coisa. Mas também não via nada. Você vai lutar contra um sistema? Então você ficando quietinha você sobrevive àquele sistema. Se você lutar contra você não vive nem vinte e quatro horas.



“ Uma mulher que conheci fez um convite para ir trabalhar lá. Falou que não ia cobrar nada, que ia ser só negócio de salão. (M.F.) ”

**Como enfrentar a vida depois de uma experiência assim?**

Você trás muita ferida aberta. Outras cicatrizam. Mas só aquela casca por cima. Você não consegue fazer uma vida, mesmo quando você sai, você fica muito marcada. Você fica marcada, marcada na alma. É como se marcassem você na alma. É como se marcassem você com ferro quente, como marca cavalo. É bem por aí... as marcas são bem profundas. É muita tristeza. Vem o problema de depressão. A Pastoral nos ajuda nesse sentido de aliviar tudo isso e até mesmo de acabar com isso, porque tem que acabar. Não adianta ficar remoendo algo que já passou. Hoje tô estudando. Tô cheia de esperança.

**TRÁFICO INTERNO**

Assim como o externo, o Tráfico Interno, frequentemente, atrai mulheres que vivem na expectativa de conquistar um bom trabalho, melhores condições de vida, etc. M.F., outra mulher acompanhada pela Pastoral, foi vítima de tráfico interno com fins de exploração sexual. Ela foi levada da Praça Rio Branco, centro de BH, para o município de Itaúna (MG)

**O convite e o engano**

Uma mulher que conheci fez um convite para ir lá, para Itaúna, a trabalhar. Falou que não ia cobrar nada, que ia ser só negócio de salão. E eu lavava roupa. A roupa de sete a dez meninos. Fazia comida pra todo mundo. Se eu não fizesse comida e não fizesse nada lá eu não comia, não dormia. Estava cobrando tudo. Quando ela chegou convidando ela falou que o salão era muito bom, que lá dava muito homem, que lá rolava programa, que não sei o quê... e foi pura mentira porque a gente ficava mais com fome. Porque pra gente comer lá a gente tinha que comprar com o dinheiro da gente. Aí, passei a comer porque eu cozinhava.

**Escavidão**

Tinha que dá conta do salão, da comida, era umas vinte pessoas na época. Não podia sair com os clientes. Alguns clientes queria que a gente saísse com eles, né? Fui sair com um cliente uma vez, ela quase me bateu. Só não bateu porque o cliente não deixou. Não podia sair da boate pra nada. Os documentos ficavam com ela. Tinha que ficar trancada lá. Ela falava que não levou mulher lá pra ficar andando e vagabundando não, que ela pagou taxi.

**A fuga**

Ai no dia que eu falei que ia embora, ela disse que eu tinha que pagar o que eu gastei lá. Que eu gastei porque quase não fazia programa nenhum, nem nada, entendeu? Ai falou que eu tinha que pagar porque ela não levou ninguém pra lá pra ficar à toa. Eu disse à toa eu não fiquei: eu fazia comida, eu lavava roupa, os meninos mijavam na cama e eu tinha que lavar tudo. Tentei sair de lá uma vez e ela quase me matou.

Chegou um dia que eu não falei nada e saí de lá escondida. Sem ninguém saber. Ela veio na praça três dias depois falando que vinha me buscar, falando que não ia ser do mesmo jeito, não sei o quê. Falei: ah, não! Lá é a mesma coisa de uma cadeia, uma prisão, porque não pode sair, não pode fazer nada!. Depois disso eu não saio mais, não vou pra lugar nenhum mais. ■

# TRÁFICO DE MULHERES E PROSTITUIÇÃO: O QUE HÁ EM COMUM?



Por **Lucinete Santos**  
Pastoral da Mulher de BH

**D**e acordo com a OIT (Organização Internacional do Trabalho) o tráfico para exploração sexual corresponde a 92%, sendo que 83% são de mulheres. Pensar no fenômeno do Tráfico Humano em suas diversas modalidades é conceber o sistema no qual estamos incluídos com a globalização que exclui e marginaliza milhares de cidadãos/as em seus direitos básicos e/ou fundamentais. Junto com essa estrutura sócio-histórico-econômico e cultural somam-se as desigualdades de gênero que expõe a figura da mulher ao espaço da subalternidade, da servidão e do exótico.

Segundo o ministério da justiça, o perfil das vítimas brasileiras para o tráfico de pessoas corresponde a *mulheres, entre 18 e 25 anos; crianças e adolescentes; população afrodescendentes; baixa escolaridade; moradoras de áreas carentes; baixa perspectiva de vida.*

Apesar de observarmos atualmente um crescente número de homens e travestis no exercício da prostituição no Brasil, temos dados que caracteriza ainda assim a preponderância de mulheres na atividade, o que nos remete as várias facetas da questão social nos seus múltiplos processos de desigualdade sócio-econômico e de gênero. Podemos dizer em outras palavras que a

prostituição no Brasil, em sua grande maioria, tem classe, cor e é do sexo feminino.

A condição da Mulher no Brasil também nos faz compreender o processo da “**feminização da pobreza**”<sup>1</sup>, conceito esse primeiro desenvolvido por Diane Pearce em 1978, que vinculava tal fenômeno ao papel da mulher no mundo do trabalho e a resposta da assistência social nesse quesito. Para a autora, esse conceito se aplicava ao aumento do número de famílias chefiadas por mulheres e que na maioria das vezes precisavam migrar de seu local de origem em busca de melhores condições de vida, o que também conceitua-se “**feminização dos deslocamentos**” e/ou “**feminização da migração**”<sup>2</sup>.

Se faz necessário diferenciar Tráfico de Mulheres para a Exploração Sexual, de Prostituição exercida voluntariamente, ainda que exista uma origem comum a ambas as realidades. O Protocolo de Palermo configura Tráfico Humano as seguintes características: **Ação** (*recrutamento, transporte, transferência, alojamento ou acolhimento*); **Meio** (*ameaça, uso da força ou outras formas de coação, rapto, fraude, engano, abuso de autoridade ou situação de vulnerabilidade ou à entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tenha autoridade sobre a outra*) e **Finalidade** (*fins de exploração*)<sup>3</sup>. Mesmo havendo casos de mulheres que saem do país enganadas do que realmente irão fazer no exterior, muitas vão cientes que exercerão a prostituição, muito embora também exista casos de algumas se tornarem

alvo de exploração. Sobre essa questão o protocolo de Palermo é claro ao dizer que o consentimento do indivíduo não é levado em consideração, mesmo que a vítima seja maior de idade e capaz de tomar decisões, uma vez que seja comprovada situações de exploração, o que se constitui Tráfico.

A Pastoral da Mulher de Belo Horizonte, através de visitas aos hotéis, nos atendimentos e acompanhamentos, vem traçando o perfil da mulher que exerce a prostituição na região central:

- Procedentes de outros Estados, do interior do Estado, de Belo Horizonte e cidades circunvizinhas;
- A grande maioria são afrodescendentes.
- Faixa etária entre 18 e 73 anos
- Residem na Região Central ou no próprio hotel onde “batalham”.
- Escolaridade: desde analfabetismo ou 3º grau incompleto.
- Ingressaram na prostituição muito jovem.
- Geralmente são “convidadas” por uma amiga para ingressar na atividade.
- Na maioria das vezes a família não sabe da atividade desenvolvida, em outras veem a família como “gigolô” ou devem comprar o seu silêncio;
- Já exerceram atividades laborais de baixa remuneração e geralmente de baixo prestígio e subalternas.
- Já sofreram algum tipo de violência intrafamiliar e extrafamiliar (abuso sexual, estupro, abandono, negligência, maus tratos...)
- São de famílias pobres, convi-

1 - Feminização da Pobreza: [http://www.abep.nepo.unicamp.br/site\\_eventos\\_abep/PDF/ABEP2004\\_51.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_51.pdf);

2 - Guia de Referência para a rede de enfrentamento ao Tráfico de Pessoas no Brasil: <file:///F:/Pastoral/Cartilha/GuiaReferencia.pdf>;

3 - Tráfico de Mulheres: Política Nacional de Enfrentamento. Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres - Presidência da República;

4 - Patrícia Mattos, - A Dor e o Estigma da Puta Pobre. Livro: A Ralé Brasileira.

5 - Lopes, Fernanda e Werneck, Jurema. (2008) Saúde da População Negra: Da conceitualização às políticas de direito. In: Werneck, Jurema (org.). Mulheres Negras. Um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil. Criola. Apoio da Fundação Heinrich Böll;

6 - (Aliança Global Contra o Tráfico de Mulheres, 2000:39);

7 - (Projeto Trama, 2007:16);

Sônia Maria dos Santos - O Tráfico de Mulheres: um enfoque a partir das discriminações raciais/étnicas e de gênero – POR DENTRO DA REDE: Entendendo o Tráfico de Pessoas no Brasil e no Mundo;

8 - Ana Paula da Silva e Thaddeus Blanchette - Prostituição não é tráfico! POR DENTRO DA REDE: Entendendo o Tráfico de Pessoas no Brasil e no Mundo.

vem desde muito cedo com a escassez crônica de recursos materiais, violência, alcoolismo e drogas.

- A mãe costuma ser o arrimo da família. A ela se ligam os sentimentos de cuidado.
- Não é raro que a mãe já tenha exercido a prostituição.
- O pai é visto como ausente e muitas vezes violento, com padrões morais muito rígidos e machista. Quando não abandona a família.
- Os pais tem baixa escolaridade ou não são alfabetizados.
- A maternidade é precoce e devem prover o sustento dos filhos.
- São avós prematuramente e reproduzem a história que tiveram.

Em conversa com algumas mulheres, temos constatado que a realidade em que elas trabalham, acaba sendo um espaço propício a aliciadores que procuram mulheres para continuar exercendo a prostituição no exterior, com a oferta de ganhar mais dinheiro do que o convencional.

Numa pesquisa realizada com o público atendido que tinha como objetivo investigar as estruturas criminosas da prostituição, constatamos que na década de 90 muitas mulheres viajaram para o exterior para trabalhar na prostituição, algumas que conseguiram voltar relatam que colegas que foram com elas não retornaram ao Brasil.

O que a sociedade e o poder público precisam saber e tomar consciência é que o Tráfico ou a Prostituição é consequência de violações de direitos fundamentais que os indivíduos são submetidos desde os primeiros momentos de vida. Há um sistema que negligencia seres humanos, tornando-os vítimas, primeiramente da exclusão e discriminação socioeconômico, cultural, racial, de gênero e também histórico geográfico, como evidencia Patrícia Matos: “... ao contrário do que pretende as abordagens “politicamente corretas” a profissão de prostituta não é, na maioria dos casos, uma escolha propriamente dita dessas mulheres. Essa escolha é apenas aparente, constitui-se, na verdade, em uma escolha “pré-escolhida, a partir de alternativas definidas pelo contexto de vulnerabilidade e precariedade de seu universo familiar e social”<sup>4</sup>.

Falta uma gestão consciente e

Imagens Ilustrativas



focada nos direitos humanos, como defende a Constituição Federal de 1988, isso com a responsabilização de todos os atores sociais no processo. Não basta ter uma Constituição que garante ao povo Brasileiro uma vida digna, nos termos da lei, se os Estados e Municípios, de acordo com as realidades locais, não realizarem seu papel de descentralizar trabalhos, serviços e funções em prol do bem estar do povo.

O “capitalismo globalizado” sustentado pela ideologia neoliberal, e legitimado pela sociedade em geral, tende a responsabilizar a grande camada social que “*não deu certo*” devolvendo aos mesmos a culpa, o fracasso e a “*incompetência pessoal*” de não ter vencido na vida. Isso num universo onde a coisa pública tem sido alvo de sucateamento e descrédito. Universo esse que na correlação de forças entre Capital x Trabalho, entre outras transgressões a um Estado Democrático de Direitos, temos a Saúde e a Educação como mercadoria. Sejamos menos hipócritas e convenhamos que há uma conivência de organismos nacionais e internacionais que além de se beneficiarem com a indústria do sexo, utilizam mecanismos de manipulação que anestesiam a consciência humana, papel esse muito bem articulado pela mídia e seu “poder” de convencimento e consumismo.

Nessa perspectiva, podemos também constatar que o Tráfico de Mulheres para exploração sexual ou mesmo para o exercício consciente da prostituição em outros países, está intrinsecamente ligado as desigualdades e discriminação de gênero historicamente construída. Como

assinala Lopes e Werneck<sup>5</sup>: “essa forma de discriminação se fundamenta na inferiorização do status das mulheres, impedindo que estas tenham autonomia e acesso a direitos civis, políticos, e sociais de forma plena”.

O Sexismo, por sua vez, comunga com essa vertente ao se fazer “presente em todas as instituições da sociedade, e particularmente na estrutura do mercado de trabalho e nas oportunidades de trabalho disponíveis para mulheres”<sup>6</sup>. O patriarcalismo e suas estruturas conservadoras e dominantes fazem parte do processo na “transformação de pessoas em mercadorias, especialmente as mulheres”, o que “está na base do patriarcalismo atualizado”<sup>7</sup>. Atualmente, através dos conceitos de protagonismo, autonomia e libertação feminina, a violência à mulher ganha novos revestimentos e formas através da “objetificação do corpo feminino” como “mercadorias exóticas, erotizadas” e comercializado para obtenção de lucro. E não é diferente com as relações racistas, que “inscreve os grupos racializados na teia das relações sociais, concedendo-lhes um lugar de inferioridade, desvalorização e menosprezo social” (Lopes e Werneck, 2008:9). Há estudos e pesquisas que evidenciam o lugar ocupado pelo povo negro nas hierarquias das empresas e dos serviços em geral. Ser negro já se é de constatar o cargo ocupado. Agora, ser mulher e negra piora ainda mais a situação. Isso sem contar os assédios que essas mulheres e as mulheres em geral têm que suportar nos ambientes de trabalho.

No artigo **Prostituição não é Tráfico**, os/as autores/as Ana Paula da Silva e Thaddeus Blanchette desenvolvem uma reflexão muito interessante, onde tentam desmistificar e separar o conceito de Prostituição e Tráfico. Acredito que alguns posicionamentos se fazem coerentes, uma vez que na nossa realidade de Brasil vivemos e convivemos com resquícios moralistas em relação a prostituição, principalmente se o indivíduo for do sexo feminino. Realmente a prostituição não é tráfico e sabemos que não o é, porém, o tráfico de mulheres e a prostituição acabam se tornando o contragolpe de uma violência silenciosa e invisível que vitimizam pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade.

# Seminário debaterá os desdobramentos e consequências sociais da Copa do Mundo de 2014 em Belo Horizonte

No dia 15 de maio, das 9h às 17h30, será realizado o Seminário sobre “Os impactos da Copa: Tráfico de pessoas e exploração sexual”.

O evento, que acontece na Fundação João Pinheiro, sede da Pampulha, localizado na Alameda das Acácias, 70. Bairro: São Luiz, é uma promoção da Pastoral da Mulher de BH em parceria com Prefeitura Municipal de BH e visa promover o debate e a reflexão acerca dos possíveis desdobramentos e consequências sociais que a realização da Copa do Mundo de 2014 poderá apresentar em relação ao possível incremento da exploração sexual e o tráfico de pessoas na cidade de Belo Horizonte.

A programação é a seguinte:

9h - Palestra “Impactos da Copa do Mundo 2014 em BH: avaliação crítica e perspectivas” - Rudá Ricci Sociólogo trabalha com educação e gestão participativa.

10h - Primeiro Debate  
Participantes: Rafael Bittencourt, membro do Comitê Popular de Atingidos pela Copa – COPAC; Aparecida Vieira, presidenta da Associação das Prostitutas de Minas Gerais - APROSMIG; Anna Cristhina Pinheiro, Referência técnica em DST/AIDS – Coordenação da saúde da criança e adolescente e Coronel Wilson Chagas Cardoso, Assessor de Segurança e Inteligência da Secopa, (Secretaria Extraordinária da Copa do Mundo).

11h30 - Perguntas

12h - Intervalo para almoço

14h - Palestra “Desaparecidos

e Tráfico Internacional e Interno de Pessoas”, por Cristina Coelli - Delegada chefe da Divisão de Referência da Pessoa Desaparecida da Polícia Civil.

15h - Segundo Debate  
Participação de: Helyzabeth Campos, Programa de Ações Integradas e Referenciais de Enfrentamento à Violência Sexual Infanto-Juvenil; Letícia Barreto (Gerente do NETP-MG); Vanessa do Carmo - JOCUM; Lucinete dos Santos Assistente Social – Pastoral da Mulher de BH; Barbara Halina Furgal - Rede Um Grito pela Vida.

Mais informações podem ser encontradas através do telefone (31) 3272.7349 ou pelo email [comunicaapmm@gmail.com](mailto:comunicaapmm@gmail.com).

## Grito Mulher

Jornal da Pastoral da Mulher - BH/MG - Ano XXI - Edição nº 22

### EXPEDIENTE

Revisão e Redação:

**Equipe Pastoral da Mulher de BH**

Projeto Visual e Diagramação:

**Mário Pires Marketing Comunicativo**

Tiragem: **1.000 Exemplares**

A reprodução total ou parcial de conteúdos desta publicação será permitida desde que a finalidade não seja comercial, bem como, seja citada a fonte. Os créditos deverão ser atribuídos aos seus respectivos(as) autores(as).

Realização:



**Pastoral da Mulher**  
Na batalha pela justiça social

Coordenação:



Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor

A Pastoral da Mulher de Belo Horizonte, existente desde 1982, é uma entidade sem fins lucrativos, que tem por finalidade promover ações determinantes para a emancipação e humanização das mulheres que se encontram em situação de prostituição. É uma ação orgânica, sistemática e planejada em processos com os pequenos grupos, desde uma perspectiva de gênero e espiritualidade às atitudes sociais.

Apoio:



**SEDE PASTORAL DA MULHER DE BELO HORIZONTE**

Galeria do Comércio - Av. Santos Dumont, nº 644 e Rua Gaicurus, 669 (sala 327)  
CEP: 30.111-040 - Centro - Belo Horizonte/MG - Funcionamento: de 2ª a 6ª, das 8h30 às 17h30.  
Telefone: 3272.7349 | e-mail: [apmmhb@yahoo.com.br](mailto:apmmhb@yahoo.com.br)